

SÃO PAULO, POETA DA LOUCURA

Escrever uma biografia é, antes de mais, tentar penetrar no íntimo de uma pessoa, traçar, como diz Carlos García Gual, um retrato verdadeiro, com cores sóbrias, com detalhes autênticos¹, ao contrário do que sucede num relato romanesco onde a invenção e a imaginação do autor podem ter um papel predominante. A importância do biografado é, também, sempre relativa, porque interessa mais a ideia que dele se faz, a força autónoma que ele representa num determinado imaginário², imaginário que nunca é inocente e que depende tanto do biógrafo como do biografado. Joaquim de Carvalho considera que, em *São Paulo*, Pascoaes tanto fala de si como do Apóstolo, «impregnando a narração (...) de subjectividade e de correlações de estrutura poética.»³, que acabam por preencher as possíveis lacunas e transmitir

¹ Cf., Carlos García Gual, *Apología de la Novela Histórica y Otros Ensayos*, Barcelona, Ediciones Península, 2002, pp.129-130: «Mientras que en una biografía sólo los documentos y monumentos históricos sirven de materia para construcción del argumento básico, verídico, austero, ordenado cronológicamente y, a veces, como en Plutarco, sobrecargado de una intención moral y ejemplar, en la narración novelesca se introducen elementos fantásticos, fabulosos, inventados, para una recreación vivaz y coloreada del *bios* del personaje. La una traza un retrato veraz, con colores sobrios, con detalles autenticados, la otra nos da una imagen mucho más compleja, pintoresca y, en suma, más inventada y fantástica.»

² Cf., Augusto Santos Silva e Isabel Margarida Duarte, *Pascoaes – Temas para uma Leitura Actual*, Mafra, Editora Anos Oitenta, 1980, p.101: «(...) não é a situação espaço-temporal da personagem que importa, não é o seu interesse histórico, antes a ideia que ela figura. Se a biografia admite um herói, esse herói, porém, é criado e ele não age como sujeito autónomo, mas como representação de uma dada força que é, ela sim, o que mais vale.»

³ Cf. Joaquim de Carvalho, «Reflexões sobre Teixeira de Pascoaes», in *Pascoaes*, Lisboa, Secretaria de Estado da Cultura, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1980, p.118.

ao leitor a sua interpretação do modelo⁴ que, em boa verdade, nunca é detentora de total fidelidade e tende a influenciar o leitor que se deixa seduzir pela singularidade do indivíduo em causa⁵.

Com efeito, se pensarmos no caso concreto de São Paulo, não será desinteressante cotejar as várias biografias que dele se têm escrito, para chegarmos facilmente à conclusão de que elas variam de acordo com os propósitos, a época ou a concepção de História que está em jogo. Se *Os Actos dos Apóstolos*, da autoria de S. Lucas, são eminentemente factuais, como teremos ocasião de comprovar, o capítulo que Jacques de Voragine lhe dedica em *La Légende Dorée* está repleto de fantasia e de crença em lendas e milagres, tal como é próprio do imaginário medieval⁶, enquanto que o texto de Pascoaes enferma de todas as características inerentes ao Saudosismo. Assim, não será totalmente verdade a afirmação do autor de *Marânus* quando defende que «A arte é vida copiada»⁷, uma vez que a mimésis, como ele aliás muito bem sabe, não consegue nem pretende ser perfeita e na escrita sobre o outro está sempre, inevitavelmente, o eu criador que se sobrepõe, não raras vezes, à criatura, para usarmos termos queridos ao próprio Pascoaes.

Essa subjectividade tem consequências importantes ao nível do fazer narrativo, dado que, ao aperceber-se desse facto, o leitor é levado a formular uma opinião que abarca, simultaneamente, o autor e a pessoa sobre quem escreve. A redução a alguns traços⁸ favorece uma

⁴ Cf., Philippe Lejeune, «Moi, la Clairon», in *Le Désir Biographique*, Cahiers de Sémiotique Textuelle 16, Universidade de Paris X, 1989, p.185: «c'est ce texte partial, lacunaire et suspect que le biographe va essayer d'imaginer pour transmettre au lecteur son interprétation du modèle!»

⁵ Cf., Eric Vigne, «La Raison Biographique», in *Le Désir Biographique*, p.223: «Le lecteur d'une biographie cherche à se retrouver – voire à se perdre – dans la singularité d'un individu.»

⁶ Cf., Jacques de Voragine, *La Légende Dorée*, tradução de J.-B. M. Roze, cronologia e introdução pelo Reverendo Hervé Savon, Paris, Garnier-Flammarion, 1967, Vol. I, pp.427-443.

⁷ Teiseira de Pascoaes, *São Paulo*, Lisboa, Ática, s/d [1934], p.210.

⁸ Cf., F. Dugast-Portes, «Le Temps du Portrait», in *Le Portrait Littéraire*, dir. de K. Kupisz, G.-A. Pérouse e J.-Y. Debreuille, Lyon, Presses Universitaires de Lyon, 1988, p.237: «La réduction à quelques traits est révélatrice du choix d'apparences considérées comme significatives et il est aisé pour le lecteur de se faire une opinion au moins sur les masques des interlocuteurs.»

leitura orientada e até uma apreciação moral⁹ que se torna mais fácil quanto mais lacunar for o relato¹⁰, que acaba por se tornar como a marca de toda a vida¹¹, partindo de uma perspectiva exterior e subjectiva. A exterioridade implica que o autor pode entrar no passado e contá-lo como se do presente se tratasse¹², isto é, imprimir a sua visão do mundo que não coincide necessariamente com a do biografado. Este princípio tem, entre outras possíveis consequências, a de testar num indivíduo uma tese mais geral¹³, o que significa que as crenças e posições teóricas do autor limitam à partida o perfil do objecto de análise, perfil esse que deverá prioritariamente obedecer a uma certa coerência¹⁴, antes de se transformar em documento que desvenda o passado através da própria escrita¹⁵, depois de já o ter recuperado em outras obras que a ele se referiam, na medida em que o passado só nos pode chegar textualizado, como lembra Linda Hutcheon¹⁶. Se tivermos em conta o livro de Pascoaes de que nos estamos a ocupar, deveremos antes de mais referenciar *Os Actos dos Apóstolos* e as variadíssimas Cartas que o próprio S. Paulo escreve à diversas comunidades, documentos fundamentais para compreen-

⁹ Cf., Carlos García Gual, *op. Cit.*, p.130: «El biógrafo interpreta la actuación del personaje según su propia visión de su carácter, su psicología, su *ethos* personal, y tiende a darnos una apreciación moral de sus actos. En toda biografía late una dosis de subjectivismo notable.»

¹⁰ Cf., Daniel Madelénat, «La Biographie en 1987», in *Le Désir Biographique*, p.17: «(...) le biographe cherche une vérité supérieure en bousculant parfois l'exactitude factuelle et en comblant sans scrupules les lacunes des documents.»

¹¹ Cf., F. Dugast-Portes, art.cit., p.241: «le portrait devient la marque se toute une vie.»

¹² Cf., Philippe Lejeune, art.cit., p.188: «Le biographe, extérieur à la vie qu'il raconte, peut plus facilement entrer directement dans le passé et le raconter comme un présent.»

¹³ Cf., Daniel Madelénat, art.cit., p.16: «elle teste – vérifie ou refute – sur un individu une thèse plus générale.»

¹⁴ Cf., F.Dugast-Portes, art.cit., p.241: «On croit à la cohérence de l'individu développée ou développable au cours d'un déroulement temporel (...)».

¹⁵ Cf., Jean-François Louette, «Désillusions Biographiques dans «La Nausée» de Sartre», in *Le Désir Biographique*, p.141: «(...) il ne s'agira pas de reproduire le réel dans les mots mais de le dévoiler par les mots.»

¹⁶ Cf., Linda Hutcheon, *A Poetics of Postmodernism – History, Theory, Fiction*, Nova Iorque e Londres, Routledge, 1988, p.93: «The “real” referent of their language once existed; but it is only accessible to us in textualized form: documents, eye-witness accounts, archives.»

dermos a vida do apóstolo, depurada das interferências que os séculos foram imprimindo à sua imagem. No entanto, como também já referimos, a escrita de Pascoaes não é ingénua e toda ela converge para a demonstração da sua tese filosófica que transparece a cada momento.

A consciência da inevitabilidade do subjectivo e da contingência do saber histórico leva o autor de *Marânus* a deixar entrever, através do seu texto, a impossibilidade de narrar factos passados de modo impessoal e desinteressado. Não dominando a História, o homem só pode imaginá-la e projectar-se no que, no fundo, não consegue entender:

«A História, escrita pelos homens, não é feita pelos homens, meras sombras projectadas num *écran*. É feita por um Espectro invisível, que nos dirige, para fins só dele conhecidos. As leis históricas anunciam-se como vagas revelações dos seus intuitos, subordinadas a uma certa lógica ou a uma certa tendência persistente ou duradoura.»¹⁷

Daí que não sejam de estranhar frases como «a verdade histórica é anedótica e a lendária essencial», «A Lenda corrige a História»¹⁸ ou «não é histórico mas possível»¹⁹ que só vêm confirmar o que atrás dissemos e que parecem ecoar todas as incertezas inerentes à evocação do passado, que é sempre lacunar e preconceituosa. A pergunta e a resposta, de certo modo, indiciadoras, do início do capítulo XVII, revelam a incapacidade de reconstrução que acaba por favorecer o aparecimento de uma visão própria e individualizada da figura do passado:

«E que ideia fazemos nós dessa Roma imperial? Só vemos o que nos resta dela e é talvez indestrutível: o senhor e o palácio, o escravo e o casebre, o cavaleiro e o cavalo. Vemos ainda três ou quatro vultos destacados: um Cícero, um Virgílio, um Tácito, um Séneca, este e aquele César. Nem lhe vemos o aspecto animado, nem a configuração arquitectónica. (...)

E o forum e os seus frequentadores? E os do Coliseu e dos teatros? E o *colégio* das Vestais, conservando o fogo sagrado, como a virgindade o amor? (...) E certos personagens recebendo, de manhã, os seus clientes? E este escravo, agitando no ar da noite, um archote, à frente

¹⁷ *São Paulo*, p.317.

¹⁸ *Idem*, p.341.

¹⁹ *Idem*, p.308.

da liteira do amo sonolento? E os gladiadores, na arena? E o perfil de Nero, a cantar? E o de Tibério a remoer ódios e vinganças? E o de Calígula e o seu riso demoníaco, luz vermelha alimentada a sangue humano? E o de Cláudio, velho lobo entontecido? E o de Agripina, a Loba tutelar? Multidões ou figuras, como representá-las ao vivo, fielmente? Se tentássemos reconstituí-las, cairíamos na cópia de tipos actuais. E o homem actual não é o homem antigo; é outro, porque é outro o sonho que o trabalha e o sol que o alumia. Cada época tem um sonho próprio, e, portanto, uma cara especial.»²⁰

Moderno na percepção do fenómeno histórico, Pascoaes é-o também, frequentemente, nos comentários, na focalização ou no emprego de uma certa contrafactualidade. Quando o narrador alude ao facto de o centurião Júlio, depois de ter entregue o prisioneiro Paulo, desaparecer da História, «Júlio entrega o extraordinário prisioneiro e desaparece da cena, pela primeira porta aberta. Volta as costas à História, e some-se na turba anónima.»²¹, está, indirectamente, a teorizar sobre o modo de inserção de figuras do passado e sobre a forma de focalização utilizada que se destina a presentificar melhor a personagem e o envolvimento do narrador na matéria narrada: «Mas onde o [S. Paulo] vejo melhor é, em Pouzzoles, a uma claridade, vermelha e fumarenta, em que perpassa o hálito do mar.»; «Contentemo-nos em ver o apóstolo (...)»²². De igual modo, a interpretação de factos passados só é completamente perceptível no presente da enunciação, pelo que o narrador se demarca conscientemente do tempo evocado para tecer os seus comentários: «Pede-lhe que trate Onésimo *não como escravo, mas como irmão bem amado*. Quando Paulo ditou estas palavras sublimes, fez-se, em Roma, um silêncio misterioso, que ninguém percebeu. Percebemo-lo nós a uma distância de séculos»²³. Igual processo se actualiza nas interrogações («Que sentiria ele [Paulo], ao passar no sítio da divina aparição?»²⁴) ou no uso do futuro ou do condicional com valor contrafactual ou de antecipação omnisciente do narrador («Encontrará uma igreja, a quem dirigiu a sua epístola, fundada dez anos antes, como encontrará a animalidade humana, debatendo-

²⁰ *Idem*, pp.253-254.

²¹ *Idem*, p.271.

²² *Idem*, p.288.

²³ *Idem*, p.291.

²⁴ *Idem*, p.54.

-se nos últimos paroxismos delirantes»; «Mas se lhe ouvisse uma palavra, maravilhosamente alucinado, teria, diante de mim, a sua presença, como a tiveram Lucas e Timóteo.»; «Paulo desapareceu, no Verão de 64. Em que lugar da terra seria restituído à terra seu pobre corpo miserável, cansado de que trabalhos? Na Espanha? Em Roma? Na Ásia? Na Macedónia? Lídia e Timóteo fechar-lhe-iam os olhos, e o deporiam, molhado das suas lágrimas, no túmulo?»²⁵)

É evidente que não é só por estes pequenos pormenores que a presença do narrador ou a de Pascoaes se afirma, ela é muito mais preponderante na perspectiva que preside ao fazer narrativo ou ao modo como a figura de Paulo é apreendida e interpretada. Basta ler o Prefácio para se compreender a influência de todos os ingredientes próprios do Saudosismo e a interpretação da vida e dos actos do apóstolo. Frases como «Não nos deve surpreender a presença da alma no corpo ou a do Criador na criatura.»²⁶ ou «O senso comum aspira ao absurdo»²⁷, definem a arte poética que norteará o desenrolar discursivo, transformando S.Paulo numa espécie de encarnação das teorias que se pretendem explorar.

Como diz António Cândido Franco «A saudade aparece assim em Pascoaes como uma espiritualização do amor (um amor lúgubre), uma desmaterialização *sombria*, que em vez de o desmultiplicar o potencia ao quadrado.»²⁸, tornando-se «no seu sentido profundo, verdadeiro, essencial, isto é, o *sentimento-ideia*, a *emoção-reflectida*, onde tudo o que existe, corpo e alma, dor e alegria, amor e desejo, terra e céu, atinge a sua unidade divina.»²⁹. O papel fulcral da saudade leva o poeta de *Marânus* a preferi-la à realidade presente como se vê no poema «Marânus e a Saudade»:

²⁵ *Idem*, pp.262, 288 e 342, respectivamente.

²⁶ *Idem*, p.22.

²⁷ *Idem*, p.14.

²⁸ António Cândido Franco, «Pascoaes, Artífice do Ouro», in *Um Século de Poesia, A Phala*, edição especial, 1988, p.27. Cf., também, Jacinto do Prado Coelho, «Fernando Pessoa e Teixeira de Pascoaes», in *A Letra e o Leitor*, Lisboa, Moraes Ed., 2ªed., 1977, pp.175-198 e Luís de Araújo, «Acerca do “Saudosismo” em Teixeira de Pascoaes», in *Boletim Cultural* da Câmara Municipal do Porto, Vol. XXXV-Fasc.3-4, 1980.

²⁹ Fernando Guimarães, *Linguagem e Ideologia*, Porto, Lello Editores, 2ªed. revista e aumentada, 1996, p.108.

«Ah, quem sou eu? Apenas a saudade
Da Pastora que um dia te encantou,
À luz do sol que mostra a realidade
Em que a ilusão nocturna se converte.

Sou a eterna saudade que levaste
Dessa pastora, simples e adorada.

(...)

E Marânus: “Eu vejo-te...Portanto,
Que me importa que sejas sombra apenas?
Bem te sinto existir; e o teu encanto
É como a luz batendo-me no rosto.”³⁰

É nesta linha que se pode escrever que Paulo «é mais belo na ausência que na presença; que a sua figura mesquinha se embeleza, desaparecendo.»³¹ ou que é preferível que uma sua epístola «seja lida na sua ausência, que é a sua presença idealizada.»³², tal como Otão, ex-marido de Popeia, desejada por Nero, «[a] possui, mas em fantasma de melancolia, mais bela ainda.»³³. Na mesma linha de pensamento se pode defender que «Deus é lembrança de Deus, conforme o sentido místico da *Saudade* lusíada.»³⁴.

Aceitando este pressuposto, deveremos analisar o perfil de Paulo, tendo sempre em conta a problemática da saudade e a transmutação do criador na criatura de que falaremos mais adiante. Se nos ativermos aos *Actos dos Apóstolos*, verificaremos que de S. Paulo nos é dada uma imagem de autoridade, aliada a poder de persuasão e a alguns milagres, como o de Eutico que cai de uma janela e Paulo ressuscita³⁵. Nas epístolas por ele escritas às várias comunidades religiosas, o apóstolo dá-se a conhecer indirectamente através das exortações que faz aos fiéis, não raramente impregnadas de pendor normativo, onde se estabelece, sem margem para dúvidas, o comportamento a seguir e as relações entre homens e mulheres, pais e filhos, amos e servos, viúvas

³⁰ Teixeira de Pascoaes, *Marânus*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1973 (1ªed., 1912), pp.242 e 244.

³¹ *São Paulo*, p.161.

³² *Idem*, p.186.

³³ *Idem*, p.306.

³⁴ *Idem*, p.38.

³⁵ Cf., *Actos dos Apóstolos*, 19,1-12; 20,7-12 e 28, 1-10.

e o resto da comunidade³⁶. Num texto como o de Paul de Voragine é dada relevância especial aos milagres, que se multiplicam, em nítido contraste com a contenção do hipotexto bíblico. Para Pascoaes, São Paulo actua como um poeta, asserção que é feita várias vezes ao longo da obra, como veremos. Ele até se rebela contra o texto bíblico, acusando-o de não analisar convenientemente a personagem: «Lucas notou somente, nos seus *Actos*, as belas palavras e atitudes do apóstolo. Viu o apóstolo e desinteressou-se do que era, para nós, mais interessante.»³⁷. As definições a seguir transcritas dão conta, em síntese, do perfil do que Pascoaes considera fundamental na sua concepção de homem excepcional: «Agora, é ele, destacado na sua pessoa inconfundível. Sabe que lhe compete o primeiro lugar e ocupa-o. É o supremo orientador das almas.»³⁸; «Paulo é o homem em toda a sua complexidade misteriosa, o mais dramático e profundo que existiu.»³⁹; «Eterno andante, caminha sempre, contra a hostilidade judaica, contra as pedras e as bastonadas, contra as calúnias e as injúrias, contra todos os demónios ao serviço de Moisés e Tiago, esse irmão impossível de Jesus.»⁴⁰; «Paulo, em perpétuo conflito consigo mesmo, excitado, na sua mocidade, pelo meio fanático de Jerusalém, precipitou-se na tragédia (o martírio de Estêvão), sem o qual não teríamos o apóstolo Paulo nem a Igreja de Cristo.»⁴¹.

Personalidade diferente, marcada pelo remorso e pelo amor, ele consegue, segundo o autor da biografia, estabelecer os princípios fundamentais da religião católica, na sua epístola aos Romanos: «Desta epístola extrairão, mais tarde, os princípios fundamentais da teologia católica. Deixai-a arrefecer, e tereis o límpido cristal, esse esqueleto de luz incorruptível.»⁴²

Autor de uma biografia imbuída de comentários do narrador e de juízos de valor que se destinam a criar uma interpretação favorável à estética saudosista, Pascoaes tira ilações do hipotexto bíblico, sintetizando em frases afirmativas o que vai estando disperso nas Cartas ou

³⁶ Cf., 1Tim 2,9-15;5; 1Cor 11, 1-15; Ef 5, 22-33; 6, 1-9; Col 3, 18-25.

³⁷ *São Paulo*, p.288.

³⁸ *Idem*, p.80.

³⁹ *Idem*, p.161.

⁴⁰ *Idem*, p.168.

⁴¹ *Idem*, p.176.

⁴² *Idem*, p.187.

nos *Actos*. Baseado, possivelmente, numa passagem da 2ª Carta aos Coríntios, em que Paulo escreve, «Cinco vezes recebi dos judeus os quarenta açoites menos um; três vezes fui açoitado com varas, uma vez apedrejado; três vezes naufraguei, e passei no abismo uma noite e um dia. Viagens sem conta, exposto a perigos nos rios, perigos de salteadores, perigos da parte dos meus concidadãos, perigos dos pagãos, perigos na cidade, perigos no deserto, perigos no mar, perigos entre os falsos irmãos.»⁴³, Pascoaes afirma que «Paulo, animado por ignoto sentimento de justiça, amava estes sofrimentos expiadores»⁴⁴. E amava-os porque eles reflectem outros sentimentos como o do remorso, que o terá perseguido toda a vida. No Prefácio, o autor diz que «o seu remorso transformou-se em actividade religiosa»⁴⁵, porque «Há alegria no remorso»⁴⁶, tal como pode haver numa necessidade de expiação que, curiosamente, equaciona uma filosofia de vida: «O remorso deu ao grande apóstolo a concepção cristã de Deus.»⁴⁷

Nesta linha não será difícil de perceber que «Para S. Paulo o amor é filho da dor.»⁴⁸ e que «Os nossos sentimentos fundamentais são processos de suicídio»⁴⁹, pelo que as diferenças entre o apóstolo e Nero se podem transmudar em inquietantes semelhanças, uma vez que «Ambos queimaram Roma e o passado»⁵⁰ e que «Nero concorre, como Paulo, para a destruição do Paganismo»⁵¹. Esta visão, de certa forma, radical, tenta fundamentar características de Paulo que o vão aproximar de personagens futuras, definidas como sonhadoras e algo loucas, e distanciar de outras do seu tempo, menos complexas e menos grandiosas. O fascínio que o convertido da estrada de Damasco sente pela Ibéria explica-se na medida em que ela será berço de D. Sebastião e de D. Quixote⁵², assim como as diferenças irreduzíveis em relação a S. Pedro terão como origem o distinto percurso dos dois: «O que

⁴³ 2 Cor, 11, 24-26.

⁴⁴ *São Paulo*, p.130.

⁴⁵ *Idem*, p.19.

⁴⁶ *Idem*, p.55.

⁴⁷ *Idem*, p.276.

⁴⁸ *Idem*, p.277.

⁴⁹ *Idem*, p.297.

⁵⁰ *Idem*, p.315.

⁵¹ *Idem*, p.336.

⁵² Cf., *idem*, p.305: «Quer [Nero] ir à Grécia como Paulo quer ir à Ibéria, berço que será de Dom Sebastião e Dom Quixote.»

interessa é Pedro diante de Paulo: os dois, cara a cara, contemplando-se, - Paulo, de portas escancaradas, Pedro a espreitar por um postigo»; «Paulo é uma caricatura sublime, ao lado de Pedro, que é uma estátua muito séria. Paulo é o crime e o remorso; Pedro é o pecado e o arrependimento.»⁵³. Não deixa de ser curioso salientar o modo como Jacques de Voragine analisa os dois, apercebendo-se das diferenças, mas não querendo escaloná-los: «On trouve encore quelquefois que saint Paul est tantôt inférieur à saint Pierre, tantôt plus grand, tantôt égal; mais en réalité, il lui est inférieur en dignité, supérieur dans la prédication et égal en sainteté.»⁵⁴.

É por isso que a figura de Estêvão é tão importante e o perseguirá toda a vida, como um sustentáculo na fé e no combate ao Paganismo. Esta teoria de Pascoaes que será colmatada com a atribuição do epíteto de poeta da Loucura ao apóstolo, pereceu-nos ainda justificada pela leitura que ele faz da sua morte. Embora os *Actos dos Apóstolos* sejam omissos quanto ao futuro do Santo, terminando abruptamente («Paulo permaneceu dois anos inteiros no alojamento que alugara, onde recebia todos os que iam procurá-lo, anunciando o Reino de Deus e ensinando o que diz respeito ao Senhor Jesus Cristo, com o maior desassombro e sem impedimento.»⁵⁵), a verdade é que, regra geral, é aceite que ele foi decapitado em Roma⁵⁶.

Opondo-o a Lucrécio que Pascoaes, logo no primeiro parágrafo do Prefácio, apelida de poeta da morte, São Paulo aparece como o «poeta da vida e da loucura»⁵⁷, criador de um novo mundo. Ao longo do prefácio, o autor vai estruturando essa ideia a fim de a desenvolver na análise que faz da vida do apóstolo que terá criado um «deus romântico»⁵⁸, propício a ser entendido como alguém que revoluciona a visão religiosa do universo, tal como os românticos revolucionaram as posições estéticas e permitiram o aparecimento de vanguardas um

⁵³ *Idem*, pp.56 e 57.

⁵⁴ Jacques de Voragine, *op.cit.*, p.428.

⁵⁵ Act 30-31.

⁵⁶ Cf., *Diccionario Ilustrado de los Santos*, dir. de Vera Schaubert e Hanns Michael Schindler, trad. de Luis Miralles Imperial, Barcelona, Grijalbo, 2001, p.560: «Se sabe con certeza que entre el año 63 y el 67 (seguramente más bien hacia el 67) Pablo padeció el martirio en Roma, probablemente por decapitación.»

⁵⁷ *São Paulo*, p.9.

⁵⁸ *Idem*, p.339.

século depois: «Agora, [a Lei] pretende lapidar S.Paulo e todos os poetas da Loucura, que a loucura é o génio criador, o terramoto.»⁵⁹

O problema da criação, abordado, frequentemente, no Antigo e no Novo Testamento, é repensado por Pascoaes à luz da sua filosofia, já expressa poeticamente na primeira estrofe do poema «Marânus e a Saudade»: «O nosso velho *mundo-criatura* / Era um *mundo criador*; o ser humano / Um ser divino»⁶⁰. No já citado prefácio é por várias vezes focado o tema da criação que surge como algo de pecaminoso: «A criação é imperfeita; e, por isso, o homem é o pecado. Criar é ofender a lei, é um acto criminoso. (...) A existência é um crime perpétuo. Que é viver, senão morrer, matando?»⁶¹ ou «Quem tentou Adão não foi Eva, nas a Beleza que nela se fez mulher. A Beleza é anterior às coisas belas; é o Desejo criador, a tentação divina do Pecado, seduzindo o Santo Espírito.»⁶². Esta íntima ligação entre criação e pecado associa-se facilmente à presença do criador na criatura («Não nos deve surpreender a presença da alma no corpo ou a do Criador na criatura.»⁶³), que tem como antecessor legítimo a comunhão, como a identificação total entre a hóstia consagrada, ou o pão e o vinho, e aquele que os interioriza, assimilando-os. Não necessitando de comungar, no sentido restrito da palavra, Paulo já encorpora permanentemente Cristo («Cristo é que vive nele.»⁶⁴), em virtude da interligação perfeita entre ambos, de tal forma, que, no penúltimo parágrafo, o narrador escreve que «Paulo é imortal em Jesus Cristo. Não morreu, desapareceu.»⁶⁵, contrariando a versão comumente aceite.

Apesar desta aparente harmonia, não deixa de haver alguma inquietação que se revela na frase «Criar para destruir, eis o destino.»⁶⁶ ou na certeza de que «A criatura ignora o Criador, como o espírito e a matéria se ignoram, mutuamente.»⁶⁷, o que revela, apesar de tudo, alguma ambiguidade de situações e favorece o fascínio produzido pela figura de Paulo.

⁵⁹ *Idem*, p.219.

⁶⁰ *Marânus*, p.238.

⁶¹ *São Paulo*, p.15.

⁶² *Idem*, p.98.

⁶³ *Idem*, p.22.

⁶⁴ *Idem*, p.103.

⁶⁵ *Idem*, p.342.

⁶⁶ *Idem*, p.34.

⁶⁷ *Idem*, p.122.

O desvio em relação a uma posição ortodoxa é bem definido por Óscar Lopes: «Mas em Pascoaes, como nos mais influentes mentores da Propaganda republicana, há a preocupação de opor à religião católica romana uma outra religião variamente ortodoxa, no caso de Pascoaes uma Igreja Lusitana, síntese do cristianismo e do paganismo, onde a concepção nietzschiana de um futuro Super-Homem se transforma na ideia da criação de um novo mundo espiritualizado pela Dor-Saudade, o qual novo mundo equivaleria a uma verdadeira criação, ou pelo menos recriação, de Deus, um Deus Infante, um Jesus/Pan, filho da misericordiosa Virgem da Saudade.»⁶⁸

Esta heterodoxia pascoaeliana revela-se na interpretação que faz de Paulo, não opondo tão radicalmente Cristianismo e Paganismo, mas antes complementando-os e extrapolando para a modernidade: «A pintura é do Cristianismo, como a escultura do Paganismo. A pintura é radiação colorida da escultura; é mais um sentimento que uma forma. A estátua surge, à luz do sol, e o retábulo, na penumbra. E comparai esses perfis com o deste homem actual, vestido de ganga azul, torturado por uma ideia fixa terrível. Não se trata duma obra de arte. Depois do campo elísio pagão e do inferno pagão, aparece-nos um outro inferno, a fábrica, mas feito de ferro e cimento.»⁶⁹ Será com base neste princípio que se justifica a atitude ecuménica de Paulo, substituindo o fanatismo pela tolerância, ao defender os incircuncisos contra a intransigência judaica⁷⁰, a humanização de Deus, as crianças («O medo e o riso é toda a máscara da criança»⁷¹), a socialização da Divindade e do Cristianismo: «Paulo socializa a Divindade. O profeta hebreu é já o político europeu.»⁷².

Perante tal leitura não admira que o narrador possa afirmar, «Um encontro é sempre nupcial, até o do carrasco com a vítima.»⁷³, se estiver a pensar em Paulo e Estêvão, ou que «O apocalipse é de Israel, como a tragédia é grega e a elegia lusitana.»⁷⁴, unindo, apesar de tudo, as três culturas numa expressão artística.

⁶⁸ Óscar Lopes, «Expressões Modernas da Saudade portuguesa», in *A Busca do Sentido*, Lisboa, Caminho, 1994, p.131.

⁶⁹ *São Paulo*, p.286.

⁷⁰ Cf., Act 15, Rom 2, 25-29, 1 Cor 7, 19 e *São Paulo*, pp.111 e segs.

⁷¹ *São Paulo*, p.198.

⁷² *Idem*, p.60.

⁷³ *Idem*, p.49.

⁷⁴ *Idem*, p.160.

Mais do que apresentar factualmente o percurso da vida de S. Paulo, Pascoaes expõe a teoria saudosista e interpreta o apóstolo à luz dessa crença. A sua estatura não resulta enfraquecida, antes se revela geradora de novas potencialidades numa dinâmica inesgotável, tendente à harmonia universal: «O Universo é um sistema de vibrações sensíveis, que se conjugam, num todo harmonioso e numa aspiração ao estado consciente, a realizar-se na Humanidade. Conhecer e adorar é o nosso destino verdadeiro. Se o traírmos, será inútil a nossa existência. Basta a dos outros animais para encher a terra de ferocidade e estupidez.»⁷⁵

Maria de Fátima Marinho
Universidade do Porto

⁷⁵ *Idem*, p.40.

